



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n1>

ISSN 2177-2940
(Online)

A2

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Patrimônio e identidade: a Feira Livre Central de Campo Grande

CALADO, Lenita Maria Rodrigues. *Era uma feira aonde a gente ia de chinelo: Campo Grande e sua Feira Livre Central*. Dourados: UFGD, 2013

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n1.32285>

Fábio Luiz de Arruda Herrig

Dotada de uma potencialidade narrativa singular, Calado, inicia a apresentação de sua obra de uma forma pouco corriqueira no mundo acadêmico, principalmente no que se relaciona a um trabalho que é fruto de uma dissertação de mestrado. Ela traz ao leitor, por meio de sua memória, alguns fatos de sua infância que vinculam sua experiência de vida à Feira Livre Central, localizada na capital do estado de Mato Grosso do Sul. Dessa forma, justifica, muito bem, sua relação com o objeto em análise.

O trabalho se insere, de forma geral, no âmbito da história urbana, tendo como objetivo principal a “análise das transformações pelas quais ela [a feira] passou, relacionando-as com as transformações vivenciadas pela cidade” (CALADO, 2013, p. 36). Em termos da pesquisa, Calado se ancorou em fontes escritas como: memórias e crônicas; jornais e revistas; assim como documentos oficiais. Além disso, desenvolveu uma pesquisa de cunho oral, na qual os entrevistados eram pessoas que trabalharam e vivenciaram a feira.

Seu livro, fruto de sua dissertação de mestrado, como já mencionado, defendida em 2010, está dividido em três capítulos. No primeiro, “Na mesma linha do tempo, a cidade e a feira” (CALADO, 2013, p. 52), a autora se

preocupa em contextualizar a formação da cidade de Campo Grande, em conjunto com a formação da feira.

Há, por parte da autora, uma constante preocupação em associar tanto a feira, quanto a cidade de Campo Grande à um dimensão externa, conceitualizando a feira em diferentes tempos históricos e em diferentes espaços, como na França medieval e no Brasil de D. João III. Assim, há o interesse da autora em explicar, em um nível teórico, principalmente através da configuração do campo da memória coletiva, como a feira passa a integrar a identidade dos indivíduos e do próprio local, no caso, a cidade de Campo Grande.

Em termos do processo de urbanização, Calado tem a preocupação de refletir acerca do papel da modernidade na configuração do espaço urbano, no qual a ideia de progresso era vista de forma positiva. Assim, a cidade de Campo Grande, espaço fundamentalmente marcado pela ruralidade, passa a buscar, principalmente a partir de 1977, quando Campo Grande se torna a Capital do estado de Mato Grosso do Sul, a construção de sua identidade sobre a noção de cidade “moderna”.

Ainda no capítulo um, o que fica evidente é a oposição existente entre a atraso e

progresso. Nesse sentido, Calado escreveu sobre duas vertentes encontradas por ela na documentação, uma ligada ao “moderno”, relativo “ao comércio abundante que se materializava, na feira”, outra ligada ao atraso, configurado pela desordem da feira de rua, tanto em termos de higiene, quanto em termos do público “pobres” e “desordeiros” (CALADO, 2013, p. 60).

Ainda nessa linha, o que passa a ser observado é como a cidade, no intuito de se constituir como um espaço moderno, passa repensar a estrutura da cidade. Isso, influenciará, diretamente, nos processos de representação da feira. Por um lado, no princípio, o poder público via a feira como necessária ao abastecimento da cidade, mas, posteriormente, a partir de 1995¹, com a criação do Planurb, a feira passa a ser vista como patrimônio, como potencialidade turística e Campo Grande passa ser vista como uma cidade a ser consumida, uma *city marketing*.

Esse ponto abre espaço para as discussões dos próximos dois capítulos, pois a forma como o poder público compreende a feira não é a forma como os próprios feirantes a percebem. Calado afirma que “ao colocar-se como ‘patrimônio’ da cidade de Campo Grande, a Feira estava mudando de perspectiva para garantir sua sobrevivência” (CALADO, 2013, p. 78).

No capítulo dois, “O cotidiano, a cidade através da feira”, a preocupação recaiu sobre os “processos sociais e culturais que a cidade vivia entre os anos de 1970 e a primeira década do século XXI” (CALADO, 2013, p. 80). Um dos pontos importantes, observados por Calado se refere à forma como o poder público irá agir em relação a feira, no sentido de incluí-la nos planos de organização do espaço urbano da cidade, mas também na esfera do consumismo desejado para

a cidade enquanto *city marketing*, enquanto cidade, patrimônio a ser consumido pelo turista.

A autora volta a frisar a relação entre o antigo e o moderno, observando que “Campo Grande, formada por seus habitantes, lia e pensava mais sobre o seu futuro, criava a cidade do imaginário, aceitava a destruição com vistas no futuro ‘moderno’ e ‘avançado’ das grandes metrópoles” (CALADO, 2013, p. 82). Assim, a feira, em determinada instância não integrava os ideais modernidade, tendo que ser repensada, daí a sua mudança de local no ano de 2004, com vista a fazer com que a feira passasse a ser compreendida como patrimônio, mas ao mesmo tempo com parte integrante de uma cidade moderna, com um local higienizado e organizado. Segundo Calado, a visão atual que se construiu sobre a feira é de que ela é: histórica; patrimônio formado por imigrantes; noturna; tradicional; familiar; segura; limpa; moderna.

Em contrapartida, o terceiro capítulo irá refletir sobre a forma como os feirantes vão se posicionar em relação a essas mudanças, pois segundo a construção textual, eles não são passivos às mudanças. Compreendem a necessidade de adequação da feira, mas resistem, no intuito de manter uma identidade da feira. Por vezes, nos relatos orais, se percebe que a feira atual não é vista mais como representativa da conhecida “feirona”, legalizada no ano de 1925, daí a disseminação dos feirantes, para além da Feira Central, pelas ruas da cidade de Campo Grande, no sentido de fazer a manutenção dessa estrutura indentitária que construiu um sentimento de pertença nos feirantes, que por sua vez, passaram a não reconhecer, na feira legalizada pela prefeitura, o espaço legítimo de atuação. Os relatos colhidos por Calado denotam um saudosismo em relação à Feira Livre Central e a sua estrutura espontânea: “depois da mudança de 2004, a Feira tornou-se diferente da imagem que ela possuía. O trabalho

1 Na introdução, a autora escreve “Em 1987, foi elaborada pelo Planurb” (CALADO, 2013, p. 18). Mas, no capítulo um ela afirma que o Planurb foi criado em 1995 (CALADO, 2013, p. 45), o que gera uma confusão quando ao seu surgimento. É importante notar que na documentação utilizada, o Planurb data de 1987.

é o mesmo, mas ela perdeu a característica de pertencimento a uma “feira tradicional” (CALADO, 2013, p. 94).

Através da feira, Calado conseguiu dar vazão a um sentido importante no processo de urbanização e mudança de uma sociedade que, ainda, é vista como atrasada e rural; demonstrar, de forma muito satisfatória, por meio de uma história de caráter urbano, como se desenrolaram as mudanças da cidade de Campo Grande, muito bem articuladas a uma dimensão externa característica dos anseios modernos; perceber como as representações sociais se modificam dentro da cidade de Campo Grande e como essas representações são responsáveis por conflitos sociais, pela configuração da identidade local, que é aceita ou negada dependendo do nível de identificação de cada indivíduo ou mesmo da coletividade.

Entretanto, malgrado ser uma obra significativa para a compreensão dos anseios de Campo Grande e, paralelamente, do recente estado de Mato Grosso do Sul, alguns pontos devem ser considerados. Entre eles, o mais importante se relaciona ao trato dado às feiras paralelas à Feira Livre Central. As correlações entre a dimensão local e o âmbito global, em relação à cidade de Campo Grande estão muito bem colocadas, mas, por se tratar da Feira Livre Central, assim como de sua disseminação em feiras de rua menores, como forma de resistência ao estabelecimento normativo do poder público na organização da feira, mais especificamente, a partir de 2004, com a mudança de seu local, parece que o texto ficou devendo uma análise mais profunda dessas pequenas feiras, assim como da própria relação delas com a Feira Livre Central, faltou, para ser mais claro, uma sistematização mais pontual dessa problemática. Pois, se os integrantes da Feira Livre Central utilizam essas pequenas feiras de rua como reduto de uma identidade da antiga “feirona”, já que vistas como resistência, elas devem ser consideradas como parte da feira livre.

Outros detalhes, como a utilização de apud, onde o livro é acessível, a citação de autores sem referenciá-lo, como o caso de Eagleton, na página 82, são pontos que ficaram em aberto, mas que, no geral não comprometem o conteúdo do livro e, conseqüentemente, sua importância para a historiográfica sul mato-grossense.